



Talento *camooca*

Aluna da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, a **Pietra Rêgo**, foi a única bailarina da América Latina **finalista** do Prix de Lausanne 2026.
Página 2

Aos 15 anos, Pietra Rêgo conquista prêmio do público online de festival e projeta o balé brasileiro no cenário internacional

Pietra Rêgo em 'Paquita', um dos números que executou em Lausanne

A bailarina que o mundo descobriu

AFFONSO NUNES

Aos 15 anos, Pietra Rêgo já carrega um currículo que poucos bailarinos constroem em décadas de carreira. Carioca, aluna da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa (EEDMO) — instituição quase centenária localizada no anexo do Theatro Municipal —, a jovem se tornou a única representante da América Latina selecionada para o Prix de Lausanne 2026, uma das competições de balé mais prestigiadas do mundo, e conquistou o Web Audience Favourite Award, prêmio

concedido pelo voto do público online durante a competição realizada entre os dias 1º e 8 de fevereiro, no Théâtre de Beaulieu, em Lausanne, na Suíça. Na edição deste ano, 78 candidatos de 18 países disputaram as bolsas e prêmios do concurso, avaliados por um júri presidido por Kevin O'Hare, diretor do Royal Ballet de Londres.

A trajetória de Pietra na dança começou em 2021, quando ingressou na EEDMO após aprovação em processo seletivo. Desde o início, chamou a atenção dos professores pela combinação de potencial físico, seriedade e comprometimento. O percurso dentro da escola a levou à

Cia Bemo, companhia profissionalizante da instituição, onde já se destacou como solista em papéis de peso: a Princesa Florine em "Bodas de Aurora", o Pas de Trois de "Paquita" — variação que apresentou no Prix de Lausanne — e Afrescos, do ballet "O Cavaliinho Corcunda".

Foi justamente a qualidade de seu trabalho que chamou a atenção de Hélio Bejani, diretor da EEDMO e também diretor do Ballet do Theatro Municipal, que a convidou para estrear o papel de Clara na temporada de "O Quebra-Nozes", em dezembro de 2025.

"Estar no Prix de Lausanne, ao lado de tantos talentos do Brasil



Pietra está matriculada no segundo ano técnico da EEDMO e, aos 15 anos, já ostenta um currículo considerável



Pietra no papel de Clara em montagem de 'O Quebra-Nozes', de Tchaikovsky, em dezembro

e do mundo, foi uma experiência transformadora. Todo o esforço e cada renúncia fizeram sentido naquele palco. Foi uma alegria que recompensou cada passo da minha caminhada", diz Pietra.

Para Bejani, o reconhecimento de Pietra não surpreende quem acompanhou sua evolução dentro da escola. "Pietra, para além de seu talento técnico e artístico, se destaca por sua disciplina, dedicação e comprometimento com seus estudos na dança — qualidades indispensáveis para um caminho de sucesso nesta difícil, porém possível carreira", afirma o diretor.

O vice-diretor da EEDMO, Paulo Melgaço, reforça o orgulho da instituição com a talentosa jovem. "Pietra é a prova de que um trabalho sério, consciente, realizado com competência e dedicação, com

professores qualificados, ao longo dos anos pode conduzir ao longe."

O Prix de Lausanne, fundado em 1973, é considerado uma das mais importantes portas de entrada para uma carreira profissional no balé clássico. O concurso reúne anualmente jovens bailarinos entre 15 e 18 anos de todo o mundo, que são avaliados em aulas de balé e contemporâneo, sessões de coaching e apresentações ao vivo. Os selecionados recebem bolsas de estudo em escolas e companhias parceiras de prestígio internacional.

Atualmente no 2º ano técnico da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, Pietra Rêgo representa uma nova geração do balé brasileiro formada dentro de instituições públicas de excelência, com vocação para o palco internacional. Que venha a bailar pelo mundo!

Daniel Ebendinger/TMRJ



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

De 12 a 21 de fevereiro, a vida do alemão Jens Koch limitou-se a retratos. Como alguns têm um nível de excelência para estar em qualquer galeria de arte, estima-se que o verbo “limitar”, quando aplicado à jornada de trabalho dele na Berlinale, ganha novos sentidos... libertadores e lúdicos. É função dele fotografar cada artista que passa pela competição do evento germânico, além de dar conta do júri, das estrelas de algumas das mostras paralelas daquele maratona cinéfila e das personalidades laureadas com troféus simbólicos, o que foi o caso da oscarizada atriz malaia Michelle Yeoh, premiada com o Urso de Ouro Honorário.

Retratista em tempo integral, Jens não trata seus fotografados como modelos e, sim, como pessoas. “Não sei se este é o melhor momento do mundo para perguntar a alguém se ele gosta de gente, mas, eu gosto... ainda. Acho”, diz o artista visual, que visitou o Brasil em abril de 2025.

Ao relembrar as dezenas de fotos que já exibiu nas paredes do Berlinale Palast, ao longo das últimas duas semanas, como uma galeria de atualização constante em meio a um dos maiores festival do mundo, Jens esbanja entusiasmo ao contar os bastidores dos cliques que fez com famosos como Neil Patrick Harris ou Isabelle Huppert.

“Este ano foi especial poder fotografar Sandra Hüller (maior atriz da Alemanha na atualidade). O desafio aqui é sempre oferecer a estrelas como ela uma zona de conforto e um clima de respeito. Aí o retrato acontece”, diz o fotógrafo.

Há seis anos, quando a gestão do diretor artístico Dieter Kosslick sobre a Berlinale chegou ao fim, após uma estrada longa (de 2001 a 2019), uma nova curadoria, formada por Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian, instalou-se na maratona cinéfila germânica. Levaram Koch para a equipe, apoiados no prestígio que ele já ostentava ao lidar com obturadores e fotômetros. A ideia era ter alguém que registrasse, dia a dia, as expressões de artistas em briga por prêmios, de realizadores e protagonistas das produções hors-concours e de estrelas homenageadas. A partir dessa demanda, ele foi desfilando talento a partir de 2020, extraindo poses lendárias de Karim Aïnouz, Amanda Seyfried, Pamela Anderson, Bill Pullman e outras

Retratista oficial
do festival,
Jens Koch
vira uma grife
da fotografia
mundial de
celebridades,
ao retratar
concorrentes,
júri e o céu
de estrelas
da maratona
cinéfila
germânica



Jens Koch, o fotógrafo da Berlinale, busca criar o clima adequado para clicar as estrelas do evento

Rodrigo Fonseca

Fotos: Jens Koch/Berlinale.de



Sandra Hüller



Karim Aïnouz

Berlinale num clique



Wim Wenders



Chloé Zhao



Ethan Hawke



Juliette Binoche

figuras adoradas por cinéfilos. Cada enquadramento dele era (e é) mais inventivo do que outro. Não por acaso, logo que a linha curatorial de Berlim mudou, com a chegada de uma nova programadora, Tricia Tuttle, ele ficou. Daí vieram retratos exuberantes como o plácido 3x4 de Wim Wenders, o presidente do júri do Urso de Ouro desta edição, ou da ganhadora de Oscar Chloé Zhao.

“A variedade de pessoas é grande e há uma intenção de que o retrato se encaixe com a persona retratada ou com o filme que ela representa, mas esse trabalho é uma loteria, pois nem sempre sei o estado de espírito em que a

“O desafio aqui é sempre oferecer a estrelas uma zona de conforto e um clima de respeito. Aí o retrato acontece”

JENS KOCH

estrela a ser fotografada vai chegar para a sessão de retratos”, contou Koch ao Correio da Manhã. “Cada foto é um desafio nesse aspecto, pois o meu maior desejo é que a pessoa se sinta bem. Alguns chegam excitados, pois têm uma conferência de imprensa para dar a seguir. Estes eu tenho que acalmar, na conversa, na escuta. Já quem tem ligação com Hollywood chega menos tenso, pois está mais acostumado com o processo midiático de fotos. As divas já sabem o que não querem”.

Em seu histórico de trabalho, consta uma história de fazer inveja às narrativas que brigam pelo Urso de Ouro: em 2010, Koch

e um colega jornalista, Marcus Hellwig, passaram quatro meses presos no Irã, sob ameaça de uma pena maior, por terem entrado naquele país com o visto de turista e não o de repórter, para fazerem uma entrevista que não desceu bem na garganta das autoridades iranianas. O calvário foi longo, mas eles acabaram sendo soltos.

Hoje Koch usa a palavra “pesadelo” para definir o que passou, sem entrar em detalhes. Prefere falar das estrelas da Berlinale.

“É bom quando um astro não se leva a sério”, diz Jens. “O meu maior ganho estético com esse trabalho é manter vivo o interesse pela arte do retrato”.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de uma hora depois de o Brasil ser informado de uma vitória histórica na Berlinale, com a conquista do Urso de Cristal por “Feito Pipa”, de Allan Deberton, o festival alemão anunciou as decisões de seu júri oficial, que asseguram posteridade para “Yellow Letters”, de İlker Çatak, um drama sobre opressão metade alemão, metade turco. Istambul é o eixo de sua epifania, ainda que seu realizador tenha nascido na capital alemã.

Coube a esta mistura de melodrama e fantasia o Urso de Ouro de 2026, entregue por um júri chefiado pelo diretor Wim Wenders, responsável por uma polêmica incontornável, que se arrastou por dez dias, depois de fazer uma declaração em que apartava rixas políticas da arte de contar histórias com imagens em movimento. As imagens da geografia turca captadas pelo berlinense İlker Çatak são de embatucar corações e mentes, ao refletir sobre as ações coercitivas de estados intolerantes.

Três anos depois de sua consagração com “A Sala dos Professores”, que concorreu ao Oscar, Çatak faz em “Yellow Letters” um tratado sobre a interferência estatal na harmonia de uma família – no caso, um clã conectado à arte e ao ensino. O casamento de Derya (Özgü Namal) e Aziz (Tansu Biçer) – ela atriz; ele, encenador – está tenso depois de os dois perderem seus empregos em decorrência de vetos governamentais. A falta de trabalho leva o casal a se mudar para Istambul. Eles e uma filha de 13 anos, Ezgi, devem redefinir seus sonhos nesse novo espaço. O problema é que o miocárdio de artistas não se dobra ao “Não” de burocratas. Logo, uma erupção reativa começa.

Além de Wenders, a comissão julgadora da Berlinale contou com a atriz sul-coreana Bae Doona; o cineasta nepalês Min Bahadur Bham; o também cineasta e arquivista indiano Shivendra Singh Dungarpur; a realizadora japonesa Hikari; o realizador americano Reinaldo Marcus Green e a produtora polonesa Ewa Puszczyńska. Esse coletivo coroou “Salvation”, do turco Emin Alper, com o Grande Prêmio do Júri, o mesmo que, no ano passado, foi dado a “O Último Azul”, do pernambucano Gabriel Mascaro (hoje na Netflix). Nesse épico taquicárdico, populações de uma vila rural ligada ao Islã lutam entre si pelo controle do território, enquanto um morador, tomado por superstições, desafia a liderança local. A ideia de que o Diabo leva um povo à prática da intolerância é uma das distorções



Yellow Letters



Feito Pipa

comportamentais que Emin desconstrói nesse filme regado de sequências de batalha febris. É uma discussão sobre a herança do ódio, tema que Wenders tocou ao comentar a campanha de “cancelamento” que sofreu desde a interpretação torta de suas palavras.

“Meu filme é uma forma de mostrar que as pessoas que sofrem não estão sozinhas”, disse Emin no palco, citando brutalidades históricas contra palestinos e iranianos. “Minha filha que vai fazer três anos vai amar esse prêmio, pois ela adora ursos”.

Coube ao próprio Wenders revelar o ganhador da láurea de direção, que coube a um bamba do videoclipe e do documentário musical, o britânico Grant Gee. Ele venceu por “Everybody Digs Bill Evans”, biopic de um ás do jazz. Esse fino trabalho, fotografado em P&B, marcou sua estreia na ficção. O que ele conta é um pedaço doloroso da vida de Evans (vivido pelo ator norueguês Anders Danielsen Lie), no momento em que um de seus colaboradores queridos morre. No calvário do luto, o pianista busca o apoio do pai, vivido por um Bill Pullman em estado de graça.

“Eu descobri Evans por uma foto e ela me levou a um de seus LPs. Nunca mais deixei de ouvi-los”, disse Gee ao Correio da Manhã.

Na seara das grandes atuações, o primeiro Urso de Prata a ser entregue foi confiado a dois gigantes do Reino Unido: Anna Calder-Marshall e Tom Courtenay. Ela tem 79 anos e

ele, 88. Os dois foram premiados por “Queen at Sea”, de Lance Hammer, fotografado pelo paulista Adolpho Velloso, um artista visual indicado ao Oscar por “Sonhos de Trem”. O filme ainda foi recompensado com o Prêmio do Júri, fortalecido tremendamente pelos enquadramentos de Velloso. Anna e Courtenay têm interpretações de doer na alma, no papel de um casal maculado pelas asperezas da velhice. A personagem de Anna tem demência avançada e sua filha (papel de Juliette Binoche) quer protegê-la de uma forma que atinge desrespeitosamente seu padrasto (Courtney).

Depois de galardoar Courtney e Anna com um troféu mais do que digno, a Berlinale fez justiça à mais aclamada atriz de origem germânica na ativa na atualidade: Sandra

Hüller. Indicada ao Oscar, em 2024, por “Anatomia de uma Queda”, ela foi laureada por “Rose”, no papel de uma mulher que se fez passar por homem, na Prússia do século XVII, para assegurar seu direito a terra. A dado ponto de sua jornada, questões de gênero se embaralham, mas seu sonho de levar uma vida digna se mantém firma.

Ao selecionar o Melhor Roteiro, Wenders & Cia. celebraram a arquitetura dramática de “Nina Roza”, uma investigação sobre o sentido da estética na contemporaneidade, escrita e dirigida por Geneviève Dulude-de Celles. Egressa de Montreal, a diretora narra a viagem de um especialista em Artes Plásticas do Canadá até a Bulgária para atestar a veracidade do trabalho de uma garotinha.

Única narrativa assumidamente definida como documental entre os 22 competidores, “Yo (Love Is A Rebellious Bird)”, de Anna Fitch e Banker White, vindo dos EUA, ganhou a láurea de Melhor Contribuição Artística por sua fusão de registros narrativos (arquivos, maquetes e depoimentos) ao resgatar a relação

de cumplicidade entre uma jovem entomologista e uma imigrante septuagenária que foram amigas apesar das diferenças culturais.

“É uma carta de amor à amizade”, disse Anna ao Correio.

Como ocorre todos os anos em Berlim, um júri paralelo foi montado para escolher o melhor longa documental da Berlinale e o eleito da vez fala sobre vício: “If Pigeons Turned to Gold”, de Pepa Lubojacki, egresso da República Tcheca. Ao longo de um período de cinco anos, a diretora documenta a vida de quatro membros de sua família, principalmente seu irmão David, que sofre de dependência em relação ao álcool e vive sem abrigo. Usando uma colagem pessoal, semelhante a um diário, Lubojacki tenta revelar as raízes da infelicidade intergeracional que se manifesta repetidamente em graves problemas de dependência.

“Vou usar o dinheiro que vem com esse prêmio para custear o alu-

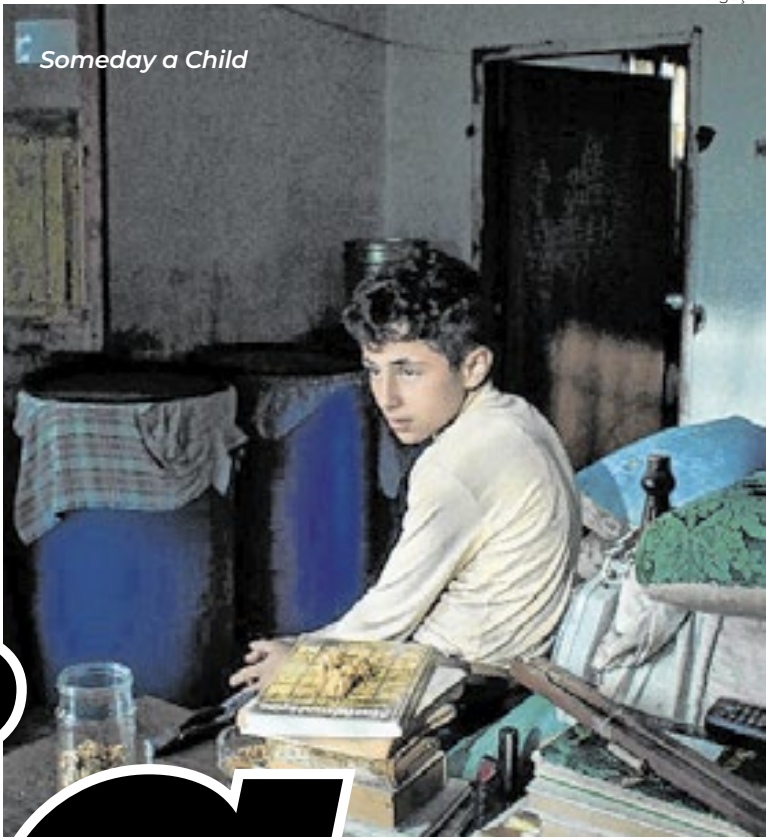


Rose

Gerald Kerklez/Row Pictures



Kinotitlán



Divulgação

Quia em rotação

Com o Urso de Ouro para 'Yellow Letters' e o Grande Prêmio do Júri para 'Salvation', a Berlinale consolida uma alvorada do cinema turco, coroando ainda o Ceará de 'Feito Pipa'



Divulgação

Everybody Digs Bill Evans

guel do meu irmão”, disse Pepa ao ser laureada.

Criação mais marcante da atual curadoria da Berlinale, comandada pela programadora Tricia Truttle desde 2025, a mostra Perspectivas é uma espécie de plataforma de promoção para artistas que ousam se aventurar pela direção, como estreatantes nessa missão, sem bater cabeça para os ditames do mercado. A produção vencedora dessa seção foi o palestino “Chronicles From The Siege”, de Abdallah Alkhatib. Seu enredo é centrado nas horas de tensão que cercam um grupo de pessoas quando sua cidade entra em estado de sítio. Além da consagração de Abdallah, houve uma menção especial para “Forêt Ivre”, de Manon Coubia, da Bélgica, sobre mulheres em fase de transformação numa região alpina.

Onipresente nas mais variadas latitudes da Berlinale, com 13 pro-

duções, o Brasil ganhou seu troféu de aspecto cristalino na mostra de cunho infantojuvenil Generation Kplus, onde o Ceará marcou gol com “Feito Pipa”, de Allan Deberton. O júri dessa seção, composto por Rosa Sophie Krasznahorkai, Vera Marsh, Emir Efe Özeren, Alma Sofia Villanueva Bullemer, Walter Moritz Arndt, Gustav Arnz e Thabani Dabulamanzi justificou a decisão afirmando: “As emoções de cada personagem nos tocaram profundamente. Fomos levados pela emocionante história, como se fizessemos parte da ação. Questões importantes foram abordadas e merecem mais atenção”. Um dos integrantes dessa tocante narrativa é o astro da novela das seis que anda a bombar na grade da TV Globo neste momento (“A Nobreza do Amor”): o baiano Lázaro Ramos.

Em “Feito Pipa”, ele vive Batista,

pai viúvo do menino Gugu (o ricochete baiano Yuri Gomes), que, aos 11 anos, demonstra destrezas de craque com a bola no pé. No entanto, a identificação do garoto com a cultura queer atíça homofobias contra ele e seu lar, que anda alquebrado depois de sua avó amada, Dilma (Teca Pereira), dar sinais de perda de memória. A direção de Allan Deberton (de “Pacarrete”) assegura a cada integrante de sua trupe um pavimento de afetividade como raro se vê num debate sobre intolerâncias.

“Uma figura como Batista, em sua relação com Gugu, revela um lugar massificado de dor que vem da não aceitação. Ele não é o machista homofóbico típico. Ele é um sujeito que ama o filho. Mas como o garoto não se encaixa no que uma sociedade intolerante espera dele, Batista não sabe como lidar com o menino”, disse Deberton ao Correio da Manhã. “A partir dessas personagens, o filme propõe uma conversa sobre aceitação”.

Nascida em Brasília, mas criada no Ceará, Janaína Marques trouxe também do Nordeste para a Berlinale outra produção brasileira a sair da Alemanha laureada: “Fiz Um Foguete Imaginando Que Você Vinha”. O longa recebeu o prêmio do público leitor da mídia alemã “Tagesspiegel”. Sua narrativa, exibida na mostra Fórum, desenvolve-se como um retrato íntimo de uma mulher convocada a visitar sua própria

história quando já não consegue se reconhecer nela. Diante da dificuldade de acessar uma memória feliz, a protagonista Rosa (vivida por Verônica Cavalcanti) mergulha numa busca interior que se torna a própria narrativa do longa. Entre o real e o imaginado, a realidade começa a ceder espaço ao sonho, ao delírio e à recordação, numa jornada íntima em que Rosa reencontra a mãe (interpretada por Luciana Souza) e a transforma em parceira de estrada.

Na sexta à noite, a Berlinale comemorou os 40 anos do troféu queer mais importante de toda a cultura audiovisual, o Teddy, ao mesmo tempo em que celebrou o ganhador deste ano: o espanhol “Ivan & Hadoum”, de Ian de la Rosa. Sua trama se passa numa estufa no sul espanhol onde Iván (Silver Chicón) se apaixona por sua nova colega de trabalho, Hadoum (Herminia Loh). O amor que nasce ali é bonito, mas a esperança de promoção profissional do rapaz interfere na relação. O debate acerca da intolerância com as orientações sexuais se fez notar em Berlim também na entrega do prêmio da Anistia Internacional para “What Will I Become?”, de Lexie Bean e Logan Rozos. Seu enredo explora a realidade de homens trans num contexto onde o suicídio sempre pode bater à porta.

Terminada a Berlinale, começam as especulações para a 79ª edição do Festival de Cannes, que vai de 12 a 23 de maio.



Liman Film

Salvation

PREMIAÇÃO DA BERLINALE 2026

***URSO DE OURO:** “Yellow Letters”, de Ilker Çatar

***GRANDE PRÊMIO DO JÚRI:** “Salvation”, de Emin Alper

***PRÊMIO DO JÚRI:** “Queen At Sea”, de Lance Hammer

***MELHOR DOCUMENTÁRIO:** “If Pigeons Turned to Gold”, de Pepa Lubojacki, com menções honrosas para “Tutu”, de Sam Pollard, e “Sometimes, I Imagine Them All at a Party”, de Daniela Magnani Hüller

***PRÊMIO PERSPECTIVES:** “Chronicles From The Siege”, de Abdallah Alkhatib, com menção especial para “Forêt Ivre”, de Manon Coubia

***URSO DE CRISTAL DA MOSTRA GENERATION:** “Feito Pipa”, de Allan Deberton

***CURTA-METRAGEM:** “Someday a Child”, de Marie-Rose Osta

***PRÊMIO ESPECIAL DE CURTA:** “A Woman’s Place Is Everywhere”, de Fanny Texier

***DIREÇÃO:** Grant Gee (“Everybody Digs Bill Evans”)

***MELHOR INTERPRETAÇÃO EM PAPEL PRINCIPAL:** Sandra Hüller (“Roze”)

***MELHOR INTERPRETAÇÃO EM PAPEL COADJUVANTE:** Anna Calder-Marshall e Tom Courtenay, em “Queen At Sea”

***ROTEIRO:** Geneviève Dulude-de Celles (“Nina Roza”)

***CONTRIBUIÇÃO ARTÍSTICA:** “Yo (Love Is A Rebellious Bird)”, de Anna Fitch e Banker White

***PRÊMIO DA ANISTIA INTERNACIONAL:** “What Will I Become?”, de Lexie Bean e Logan Rozos

***PRÊMIO DA CRÍTICA FIPRESCI:** “Soumsoum, La Nuit Des Astres”, de Mahamat-Saleh Haroun; “Animol”, de Ashley Walters; “Narciso”, de Marcelo Martinessi; e “Anymart”, de Yuki Iwasaki

***TEDDY:** “Iván & Hadoum”, de Ian de la Rosa

***PRÊMIO DO JÚRI ECUMÊNICO:** “Moscas”, de Fernando Eimbcke; “Bucks Harbor”, de Pete Muller; e “River Dreams”, de Kristina Milkhalova

CORREIO CULTURAL



IEL/Divulgação

Suzana faz do IEL um centro de pesquisa e formação literária

Estação das Letras tem nova leva de cursos

O Instituto Estação das Letras inicia nesta terça (24) nova temporada de cursos e oficinas on-line. Com três décadas de atuação, a escola reúne autores e professores de diferentes regiões do Brasil em ambiente virtual ao vivo. A programação inclui módulos em romance, conto, poesia contemporânea, literatura infantojuvenil e coescrita com inteligência artificial — em debate no mercado editorial.

As aulas acontecem ao vivo pelo Zoom, com foco em aprofundamento técnico e estímulo à construção da voz autoral. Há oficinas para autores que desejam amadurecer projetos literários. Fundada por Suzana Vargas, a escola é referência na formação de escritores. Inscrições pelo e-mail iel@estacaodasletras.com.br. Mais informações em estacaodasletras.com.br/cursos-e-oficinas.

O alerta de James Cameron

Um dos cineastas mais influentes de Hollywood, James Cameron afirmou ser contra a compra da Warner Bros. pela Netflix e diz que a conclusão da transação, já em andamento, seria um desastre para o cinema. O diretor fez o apelo em uma carta enviada ao senador americano Mike Lee. Nela, o realizador se mostra preocupado com o seu trabalho futuro e de outros cineastas. Ele teme que a Netflix reduza o número de filmes da Warner nas salas de cinema, e diz que isso acabaria com o emprego de muitos funcionários do setor.

Viva Mainha!

Localizada em Feira Nova (PE), a Casa de Mainha coloca o Brasil em destaque internacional ao figurar entre os cinco projetos residenciais mais relevantes de 2026 na ArchDaily — considerada a maior plataforma de arquitetura do mundo. É o único projeto brasileiro na lista.

Viva Mainha! II

Assinada pelo Studio Zé, a residência se destaca ao unir arquitetura contemporânea a elementos tradicionais da região, como o uso de ladrilhos e soluções construtivas locais. O projeto prioriza funcionalidade, conforto térmico e bem-estar, com foco em criar um ambiente acolhedor e saudável.

Herança de Gene Hackman em disputa

A herança de Gene Hackman (foto) é centro de batalha judicial um ano após a morte do ator. O patrimônio, avaliado em US\$ 80 milhões (cerca de R\$ 416 milhões), não tem herdeiros designados ou representante legal do espólio. Hackman incluiu seus três filhos com sua ex-esposa no testamento, mas não os nomeou como representantes legais.



Reprodução YouTube



Mauro Santa Cecília enfrentou um câncer por sete anos

A palavra que fica

ODE Poesias promove live-homenagem a Mauro Santa Cecília com Leoni, George Israel e Cláudia Roquette-Pinto

AFFONSO NUNES

Poetas não morrem, pois a a palavra fica. Nesta segunda-feira (23), às 20h, a plataforma ODE Poesias abre seu Instagram para uma noite de poesia, música e memória afetiva. A live-homenagem a Mauro Santa Cecília — poeta, letrista e romancista falecido em 2025 — reúne nomes que dividiram com ele trajetórias artísticas e laços pessoais: os músicos Leoni e George Israel, parceiros em músicas e livros, e a poeta Cláudia Roquette-Pinto. A conversa será conduzida pelo poeta e produtor cultural Bruno Levinson, criador da ODE Poesias e amigo do homenageado.

Antes da transmissão, o público poderá acessar na plataforma uma série especial com cinco poemas gravados pelo próprio Mauro em sua casa, em registros íntimos realizados pouco antes de sua morte. Documento que preserva a cadência de sua voz e a densidade de sua palavra.

Formado na Oficina Literária Afrânio Coutinho, em Ipanema, Mauro Santa Cecília construiu uma obra que transitava com naturalidade entre a canção popular, o romance e a poesia. Inspirado por Carlos Drummond de Andrade e pelo poeta Chacal, uniu lirismo e pulsação urbana em letras que atravessaram gerações. “Por Você” e “Amor Pra Recomeçar”, parcerias com Frejat e

“Quando o gravamos para a ODE já sabíamos que seu tempo entre nós era curto. Eternizar sua voz e seus versos em áudio e vídeo foi uma emoção necessária”

BRUNO LEVINSON

Maurício Barros, estão entre suas composições mais conhecidas. faixa de destaque do álbum “Puro Êxtase”, do Barão Vermelho, “Por Você” consagrou sua trajetória como letrista e se tornou um dos clássicos românticos do rock brasileiro dos anos 1990. A canção ganhou inúmeras regravações: Fábio Jr., Sorriso Maroto, Maneva e Agnes Nunes estão entre os artistas que a reinterpretaram.

Deixou mais de 30 composições gravadas e muitas inéditas em parcerias com Hyldon, Frejat, Maurício Barros, George Israel, Humberto Effe, Nani Dias, Ezequiel Neves, Rodrigo Santos, Guilherme Gê e Sérgio Serra. Também assinou romances como

“Tom de Cabelo” e “Árduos”, além de peças teatrais.

Na live, George Israel interpreta “Mão de Obra Ilegal” e apresenta “Caminhos Cruzados”, composição finalizada pouco antes da morte do poeta — gesto que transforma despedida em permanência. “Quanto casais não começaram suas histórias ao som de ‘Por Você?’”, lembra Israel.

Para Levinson, eternizar a voz de Mauro é um imperativo afetivo. “Quando o gravamos para a ODE já sabíamos que seu tempo entre nós era curto. Eternizar sua voz e seus versos em áudio e vídeo foi uma emoção necessária”, afirma. Em sua última entrevista registrada pela plataforma, Mauro sintetizou sua filosofia com precisão: “Eu respiro poesia. Ela interfere diretamente na minha vida. Tudo que faço nasce da palavra.” Santa Cecília morreu de um câncer diagnosticado há oito anos.

Criada por Levinson e distribuída pela Sony Music, a ODE Poesias vem consolidando a palavra falada em áudio e vídeo com uma sequência de eventos presenciais e digitais voltados à preservação de vozes fundamentais da literatura brasileira.

SERVIÇO

LIVE-HOMENAGEM A MAURO SANTA CECÍLIA

Transmissão pelo Instagram da ODE Poesias (@odepoesias) 23/2, a partir das 20h

Acervo pessoal

A luta de classes costuma acontecer longe dos palcos, mas em “Cão” ela acontece exatamente ali, entre camarins, cordas, refletores e ordens incompreensíveis. A primeira parceria entre os premiados grupos nordestinos Clowns de Shakespeare, do Rio Grande do Norte, e Magiluth, de Pernambuco, segue em cartaz no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil.

A montagem nasceu de cinco residências artísticas realizadas entre Natal, Recife e Rio, sob direção de Fernando Yamamoto e Luiz Fernando Marques, o Lubi. Embora inspirada na tragédia shakespeariana “Coriolano”, “Cão” não pretende adaptá-la. O que se vê em cena é uma fábula contemporânea atravessada por realismo fantástico, comicidade e música — marcas que se entrelaçam nas linguagens dos dois grupos.

“A gente parte de Shakespeare, mas usando só o que nos interessa: o conflito de classes, a insatisfação do povo, a manipulação política e o jogo de forças que recai sempre sobre quem trabalha. O processo da montagem foi muito natural. Fomos descobrindo, juntos, onde estavam as fraturas do presente, e daí nasceu “Cão”. É uma obra que reflete profundamente a poética dos dois grupos, esse encontro tão desejado há tantos anos”, afirma Yamamoto, que também assina a dramaturgia ao lado de Giordano Castro.

A trama acompanha um grupo de trabalhadores de eventos — técnicos, cenógrafos, produtores, mestres de cerimônia e seguranças — que, após dias preparando um teatro para a posse de um recém-eleito líder em uma jovem república, recebe uma notícia que desmonta toda a cerimônia: a morte do novo governante.

É nesse momento que a montagem revela sua principal habilidade: transformar o caos em comicidade. Abre-se um sem-fim de situações rocambolescas, desdobramentos absurdos e peripécias hilárias que incluem confusões políticas, protocolos impossíveis, desmandos surrealistas e a urgência de reorganizar tudo em poucas horas. O humor, aqui, não alivia a crítica — ele a expõe. Cada atropelo, cada falha de comunicação, cada ordem descabida evidencia a precarização que atravessa as relações de trabalho no Brasil contemporâneo.

Para Yamamoto, o espetáculo constrói um riso que, ao mesmo tempo em que diverte, faz refletir sobre temas urgentes, especialmente as relações de trabalho. A perspectiva é compartilhada por Lubi, que aponta para a centralidade do trabalhador tanto em Shakespeare quanto na realidade

O povo está nos bastidores do poder

Cias nordestinas Clowns de Shakespeare e Magiluth se unem pela primeira vez em espetáculo que transforma caos político em comédia feroz

Rogério Alves/Divulgação



Inspiração em ‘Coriolano’, de Shakespeare, a dramaturgia de ‘Cão’ é uma fábula contemporânea atravessada por realismo fantástico, comicidade e música

de latino-americana. “Quando partimos para investigar Coriolano, foi ficando claro que o que nos movia era o olhar para quem trabalha. Tanto no texto original quanto na realidade latino-americana, são sempre essas figuras que sustentam tudo, organizam tudo, reorganizam tudo, e são justamente as mais precarizadas”, observa o diretor. Ele também aponta para a dimensão autorreferencial do espetáculo: “A cultura é um campo em que a precarização aparece de maneira gritante. E é justamente nesse campo que seguimos criando, resistindo e nos reinventando.”

“Cão” também revela ao público o movimento dos bastidores e as urgências de quem precisa

“A gente parte de Shakespeare, mas usando só o que nos interessa: o conflito de classes, a insatisfação do povo, a manipulação política e o jogo de forças que recai sempre sobre quem trabalha”

FERNANDO YAMAMOTO

fazer tudo acontecer e, ainda assim, inventar poesia em meio ao caos — o que confere ao espetáculo uma camada metalinguística que potencializa sua crítica. Entre tropeços, correrias e confusões, a peça celebra aquilo que o teatro

tem de mais vivo: rir da própria tragédia e seguir em frente, mesmo quando o protagonista morre antes mesmo de entrar em cena.

Em cena, quem dá corpo a essa engrenagem é o elenco composto por Caju Dantas, Diogo

Spinelli, Erivaldo Oliveira, Giordano Castro, Lucas Torres, Mário Sergio Cabral, Olivia León e Paula Queiroz. A equipe técnica inclui cenário de Fernando Yamamoto, Luiz Fernando Marques e Rogério Ferraz, direção de produção de Talita Yohana, figurino de Maria Esther, iluminação de Ronaldo Costa e dramaturgia sonora de Ernani Maletta.

SERVIÇO

CÃO
Teatro I do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 15/3, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Cartas de amor mal'escritas em bem traçadas linhas de paixão, 'qui bene amat, bene castigat', são lidas e relidas; nem eram lembradas, ainda trazem o bolor em letras garrafais, sintonia de amor não correspondido, sequer foram postadas, sequer foram levadas adiante, sequer foram completadas, era bem capaz não ter valido a pena... se nem eram lembradas... Epístolas incompreendidas, cartas não trocadas. Escondem poemas dedilhados, musas líricas, rimas pobres, lútosos pobres, rimar é riqueza de amar, sutil arte da narrativa do coração. Cornucópia perene em moto-contínuo onde, ao invés de frutas saem palavras, pura docilidade representativa da deusa do Olimpo dos escribas, velhos papiros naufragados.

O ranger dos cacifos, seja pela lubrificação inexistente, seja pelo ranço do empeno cujo tempo fez senão, madeiras nobres já tão surradas do vai e vem oblíquo, mas inconstante, guardam o tom das notas musicais ajuntadas nas velhas fitas K-7, trilhas sonoras que embalsamaram viagens no tempo, tocadas no TDK do Puma conversível vermelho. Jornada no século de apenas alguns minutos. Uma espécie de hipnose, transe em reminiscência. Carole King e James Taylor, Stevie Wonder, Jose Feliciano, dois 'pra' lá, dois 'pra' cá em Manzanero, um Sinatra e Aznavour, "Et si tu n'existais pas / Dis-moi pourquoi j'existerais... // ...Hier encore j'avais vingt ans / Je caressais le temps et jouais de la vie..." e como a vida acaricia, e como ela brinca.

Estão mais ao fundo, antigas imagens, fotografias desbotadas ainda em preto e branco, bordas debruadas, detalhes 'picuetados'. A velha foto do álbum de família, desgastado pelas folheadas, charneiras descoladas, amarelado papel manteiga; quantas lembranças bem-vividas, quantos sonhos projetados nos slides esmaecidos ao longo dos anos, alegorias metafóricas, máquina do tempo em movimento nos rolos de Super-8 e nas fitas VHS.

Mais ao fundo, sob o assoalho das memórias engavetadas, a bela máscara negra usada em um certo Carnaval em Veneza, che bella città! O pequeno saco de tule recheado dos confetes que deixaram de salpicar aquela noite e um rolo de serpentina, apenas um, dos tantos que foram atirados ao léu, apenas um conta aquela história de amor, aquele fusco, aquela máscara negra.

A gaveta está vazia, a vida continua cheia de vida, linda e exuberante!

É tempo de limpar gavetas

(segunda parte)

